

VIAGEM NO TEMPO

Saint-Exupéry no RS

Local onde o autor de *O Pequeno Príncipe* teria pousado, em Pelotas, entre 1929 e 1931, está abandonado



Pelotas

JÚLIA OTERO

O homem que escreveu um dos livros mais vendidos do mundo, Antoine de Saint-Exupéry, autor de *O Pequeno Príncipe*, teria vindo ao Rio Grande do Sul.

Mais que isso: teria trabalhado, passeado, tomado banho no Rio Gravataí e – para orgulho dos mais bairristas – até saboreado um churrasco gaúcho.

As evidências da passagem do escritor começam a ser descobertas por um estudo que pretende colocar o Estado no mapa do patrimônio material e imaterial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). O projeto, coordenado pela Fundação Latécoère, quer restaurar as primeiras escalas de voo no Brasil – em Porto Alegre e em Pelotas.

E Saint-Exupéry acaba aparecendo, porque, fora o trabalho como escritor, também era piloto e utilizaria as pistas gaúchas entre 1929 e 1931, período em que viveu em Buenos Aires. Não transportava gente, mas cartas da Europa para a América do Sul. Os aviões, ainda precários, não conseguiam percorrer longas distâncias, viviam quebrando e precisavam fazer muitas paradas. Por isso, ele fazia pousos periódicos nas cidades gaúchas. Os jornais da época alardeavam o feito dos “aparelhos possantes” que tinham feito viagem de Pelotas a Montevideu em três horas 40 minutos. O mesmo trajeto hoje é feito em 40 minutos.

Atualmente, o local de pouso em Pelotas, que contava com uma pista, oficina mecânica e uma casa, já não pode ser reconhecido. Em vez disso, se amontoam lixo, laranjas podres, madeiras, porcos e cavalos de criação, onde foi erguida a casa de Luís Fernando Oliveira, 36 anos. O que era para ser um vão para guardar peças de aviões transformou-se em uma piscina de água preta e parada.

– Já ouvi falar que era uma pista. Ainda tem um resto de concreto aqui – aponta, no meio do mato, enquanto seus cães fuçam na sujeira em volta.

Julia.otero@zerohora.com.br



JERONIMO GONZALEZ, ESPECIAL

Jaqueta de couro na Rua da Praia

Mônica Cristina Corrêa, pesquisadora da Fundação Latécoère, que está fazendo o levantamento dos locais onde passavam os pilotos franceses no Brasil, se espantou com a pista em Pelotas.

– É uma lástima. Esse é um lugar histórico, há um livro de um mecânico que narra quando Exupéry teve de voltar à base por um defeito técnico, comprovando a presença dele na cidade.

Também se fala que havia a proposta de batizar o aeroporto de Pelotas com o nome de Saint-Exupéry. Agora, estudiosos buscam mais detalhes.

– Pedimos para que fossem abertos os livros do aeroclube, onde haveria assinatura dele e também estamos buscando relatos de moradores antigos – afirma o memorialista Ramão Costa.

Em Porto Alegre, a pesquisa deve começar no segundo semestre. A única pista da passagem de Exupéry estava na obra *Voos noturnos*, em que ele citava o município. “Havia brumas para os lados de Porto Alegre”, escreveu. Mas a possível confirmação chegou pelo testemunho do jornalista Nilo Ruschel, no livro *Rua da Praia*. Ele escreveu ter visto o francês tomando uma hidrolitol, espécie de refrigerante, nos cafés da Rua da Praia. Nesse tempo, sequer tinha lançado sua obra prima e era reconhecido na cidade “pelos casacos de couro que os aviadores, e só eles, então vestiam”, descreveu.



REPRODUÇÃO

A pista de pouso de Pelotas está abandonada (acima); ao lado, o mesmo local, na época em que o escritor teria visitado o Estado

SC busca recursos para recuperar o memorial

A empresa para qual Saint-Exupéry trabalhava, a atual Air France e antiga Aéropostale, foi a primeira a fazer a distribuição de cartas por avião da Europa para América do Sul. A empresa tinha 28 cidades como escala nos três continentes. Destas, 11 estavam no Brasil – Pelotas, Porto Alegre e no Campeche, em Florianópolis (SC). Os pilotos aventureiros utilizavam aviões que viviam quebrando no ar: há histórias pelo Brasil de pilotos caindo em aldeias indígenas, praias desertas e na Cordilheira dos Andes.

A proposta é recuperar esses locais e torná-los patrimônio da

humanidade. Em cada um deles, existia uma casa onde os pilotos dormiam e reabasteciam os aviões, a pista de pouso, uma oficina para consertar as máquinas e as redes de comunicação sem fio. Em Pelotas, o lugar está irreconhecível. Em Porto Alegre, o local ainda não foi vistoriado. Em Campeche, é possível ver a casa dos pilotos. Por lá, o processo está adiantado: foi apresentado um projeto, orçado em R\$ 900 mil, para captar recursos via Lei Rouanet e restaurar o local. A ideia é apresentar a história de cada piloto, maquetes dos aviões e uma coleção de selos.

Detalhe ZH

Referência no livro



No 5º capítulo de *O Pequeno Príncipe* aparece o acendedor de lampiões. A pesquisadora Mônica Cristina acredita que ele tenha sido inspirado

nos primeiros voos noturnos no Brasil. Não havia luzes nas pistas, então moradores e pescadores recebiam os aviões franceses com tochas acesas.